

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 7, Número 1, Jan.-Jun., 2018

A REITERAÇÃO COMO FATOR DE COMPREENSÃO DA EPIFANIA EM “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA PEIRCIANA



REITERATION AS A FACTOR OF UNDERSTANDING OF EPIPHANY IN “OS LAÇOS DE FAMÍLIA”: A STUDY UNDER THE PERSPECTIVE OF PEIRCIAN SEMIOTICS

Cassio Murilio Alves de Lavor
UECE, Brasil

Teresinha Penaforte Vieira
UECE, Brasil

Rakel Beserra de Macedo Viana
UECE, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 27/09/2017 • APROVADO EM 28/06/2018

Abstract

The present article relates an analysis of the short story *Os laços de família* by Clarice Lispector under the perspective of Peirce's Semiotics and aims to demonstrate that the psyche of the characters is defined by the figure of speech repetition and that the comprehension of the moment of epiphany is only possible by focusing on the signs constituted by the repetition of the statements that show the actions and feelings of the characters through the stream of consciousness. This is a descriptive-qualitative study with a *corpus* formed by the short story *Os laços de família*, from which, passages were analyzed, highlighting the figures of style and the phenomenon of epiphany. From the analysis, it was shown that the various occurrences of reiteration in the story can be interpreted as iconic signs that evoke the unsettling situations and suffocated realities of the characters.

Resumo

O presente artigo relata uma análise do conto *Os Laços de Família* de Clarice Lispector sob a perspectiva da semiótica peirceana e tem por objetivo demonstrar que a psique das personagens é definida pela figura de estilo reiteração e que a compreensão do momento de epifania somente é possível focalizando os signos constituídos pela repetição dos enunciados que mostram as ações e sensações dessas personagens via fluxo da consciência. Trata-se de um estudo descritivo qualitativo cujo *corpus* é formado pelo conto *Os laços de família*, do qual, foram analisados trechos, destacando as figuras de estilo e o fenômeno da epifania. Da análise demonstrou-se que as várias ocorrências de reiterações no conto podem ser interpretadas como signos que evocam as situações inquietantes e as realidades sufocadas das personagens.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Signs. Peirce's Semiotics. Stream of consciousness. Epiphany. Reiteration

PALAVRAS CHAVE: Signos. Semiótica peirciana. Fluxo da consciência. Epifania. Reiteração.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Este artigo relata uma análise do conto *Os Laços de Família*, de Clarice Lispector, buscando destacar aspectos que nos ajudam a compreender a dinâmica de uma família sob a perspectiva da teoria desenvolvida pelo filósofo-lógico-matemático norte-americano Charles Sanders Peirce, como uma filosofia científica da linguagem que visa a ação e atividade dos signos.

No estudo, o foco da análise é a constante reiteração de alguns enunciados do conto, buscando demonstrar que o fenômeno da *reiteração*¹, presente em diversas passagens do conto, está diretamente ligado ao fenômeno da *epifania*², e essa ao

fluxo de consciência, através da apresentação de alguns princípios e conceitos essenciais que fundamentam a Semiótica e permite a aplicação em diversos sistemas de linguagem e a observação da natureza e constituição em signos desses sistemas.

O que poderia propor-se tendo, de um lado, um conto de Clarice Lispector e de outro os estudos semióticos de Charles Peirce? Certamente são diversas e inúmeras as possibilidades, de aproximação entre leitura e semiótica. No entanto, em vista das várias possibilidades, deve-se marcar a especificidade a que nos propomos neste artigo, ou seja, a intenção de mostrar as reiteraões, que marcam esse conto, como o meio para se chegar à epifania na ordem em que se desenvolve a narração por meio da técnica do *fluxo da consciência*³. Nesta análise, as reiteraões são concebidas como signos que definem e marcam o conto e a psique das personagens.

O propósito inicial deste trabalho é analisar o conto *Os Laços de Família* sob a perspectiva semiótica, uma vez que acreditamos que a produção de significação e de sentido têm os signos como fenômeno de produção. Entendemos que para a análise do conto, *Laços de Família*, se faz necessário adentrarmos nos fenômenos da epifania e do fluxo de consciência, na interioridade do pensamento dos personagens e do discurso narrativo, a partir da fala dos personagens ou da exteriorização de seus pensamentos ou seu mundo interior.

Para a discussão dos conceitos e análise dos dados, este trabalho está organizado de forma a apresentar primeiramente nessa introdução o tema proposto, seguido de uma reflexão sobre a epifania e o fluxo de consciência. Na seção seguinte, apresentamos o conceito de signo e de semiose e as relações entre os elementos que compõem os signos. Posteriormente os procedimentos e a análise do conto e por último, nossas considerações finais.

1 REFLEXÕES TEÓRICAS

Clarice Lispector, como grande escritora e contista, inova na linguagem e suas perspectivas, utilizando a subjetividade e a epifania nos seus questionamentos do mundo externo e interno, para que o leitor possa tomar consciência do mundo da personagem. As obras de Lispector geralmente focam a epifania, traduzida em momentos de revelação, em que determinado personagem, em sua maioria, mulheres, se defronta com a verdade.

Segundo Moisés (2004), originalmente litúrgico, o termo epifania refere-se aos festejos do dia 06 de janeiro - o dia de Reis -, em que se comemora a revelação de Jesus Cristo aos gentios, na pessoa dos Reis Magos. Transitou para o circuito literário, graças a James Joyce, com o sentido de *iluminação, revelação*. (MOISÉS, 2004, p.156).

Em Santaella (1996, p. 147), encontramos a seguinte apresentação de epifania:

[...] os instantes epifânicos podem se concretizar não só nos paroxismos dos sentimentos do amor e dor, como também no torpor e pavor, no tenso êxtase físico do gozo, na total entrega da mente à vacuidade do nada, na golfada de um cheiro... de eucalipto, nas arrebentações do imaginário, quimeras, devaneios, na súbita emersão de zonas submersas da memória, num puro jogo sutil de carícias epidérmicas.

Ao abordar a epifania, na obra de Clarice Lispector, Sant'Anna destaca que o termo não aparece em sua obra, mas a sua presença pode ser apreendida, quer pela atmosfera criada, quer pela escolha lexical: crise, náusea, inferno, mensagem, assassinato, cólera e crime (SANT'ANNA, 1973, p. 201). As reações nauseantes aparecem repetidamente no conto *O Laços de Família* através da reiteração e são o ponto de ruptura do sujeito com o cotidiano, tendo sempre uma função reveladora. A náusea é o modo extremo do descortínio contemplativo e silencioso que a fascinação das coisas provoca nos personagens de Clarice. Por outro lado, as personagens são modelos psicológicos e psicanalíticos, elas se acham convertidas em elementos que interagem dentro de uma estrutura configurada pela narração de Clarice.

Uma marca característica da autora de *Os Laços de Família* é sua franqueza ao tratar de aspectos psicológicos, fluxo de consciência e crises existenciais, empregando a sutileza do humor, da ironia e figuras de linguagem. O fluxo de consciência aproxima a autora das técnicas inovadoras do romance psicológico presente na literatura de Virginia Woolf e James Joyce, segundo Lins (*apud* SANT'ANNA, 1973, p. 181). Entendemos que Clarice, por influência de James Joyce ou de Virginia Woolf, expõe as questões psicológicas e existenciais das personagens do conto, utilizando o fluxo de consciência, uma forma de transcrever o pensamento integral da personagem, e utilizando também o monólogo interior, processo em que a narrativa se transfere à personagem, que fala para si mesma, fazendo uma ligação entre o pensamento e a palavra. O fluxo é o *ir e vir* da consciência em torno de um fato, sentimento ou sensação, associado à ideia de passado e futuro. James (1980, *apud* MACHADO, 1981, p.11) vê o movimento ou fluxo da consciência, associado à ideia de temporalidade.

Em Machado (1981),

A consciência é necessária não só para explicar o fato de que as coisas são, mas também o ponto a partir do qual são referidas, são conhecidas. A teoria de James mostra que a consciência é desprovida de tempo. Ela é somente a testemunha dos acontecimentos no tempo, no qual ela não toma parte. Portanto, ele a define como uma corrente a fluir continuamente. O fluxo do pensamento, assim denominado por James, é estudado através das cinco características por ele consideradas como básicas e que são:

- 1) Todo pensamento tende a ser parte de uma consciência pessoal;
- 2) Dentro de cada consciência pessoal, o pensamento está sempre mudando;
- 3) Dentro de cada consciência pessoal, o pensamento é sensivelmente contínuo;
- 4) Ele sempre parece lidar com objetos independentes a si próprio;
- 5) Ele está interessado em algumas partes desses objetos com exclusão de outras partes, e acolhe ou rejeita - escolhe dentre elas, em uma palavra - o tempo todo. (MACHADO, 1981, p. 8-9).

Entendemos que a linguagem humana é configurada a partir da elaboração de sua estrutura comunicativa, na utilização dos diversos elementos visuais, sonoros, espaciais e psicológicos. Segundo Peirce (2005, p. 46), o signo que constitui a linguagem “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, e pode ser entendido como alguma coisa que está em lugar de outra, isto é, “estar numa tal relação com outro que, para certos propósitos, é considerado por alguma mente como se fosse esse outro” (PEIRCE, 2005, p. 61).

Joly (1996, p.32) afirma que um signo tem uma materialidade que pode ser percebida por um ou vários de nossos sentidos. É possível vê-lo (um objeto, uma cor ou um gesto), ouvi-lo (linguagem articulada, grito, música, ruído), senti-lo (vários odores: perfume, fumaça), tocá-lo ou ainda saboreá-lo. É essa coisa que se percebe e está no lugar de outra. Essa é a particularidade essencial do signo: estar ali, presente, para designar ou significar outra coisa, ausente, concreta ou abstrata.

A autora apresenta exemplos práticos de nosso dia-a-dia para que possamos entender o que é o signo, uma coisa que está no lugar de outra:

O rubor e a palidez podem ser signos de doenças ou de emoção; os sons da língua que ouço são signos de conceitos que aprendi associar a ela; o cheiro de fumaça é sinal de fogo; o cheiro de pão fresco, são indícios de uma padaria próxima; a cor cinza nas nuvens é sinal de chuva; assim como um certo gesto da mão, uma carta ou um telefonema podem ser sinais de amizade; também posso acreditar que ver gato preto é sinal de azar; o farol vermelho em um cruzamento é sinal de proibição de atravessar o carro; e assim por diante. Vê-se que tudo pode ser signo, a partir do momento em que dele deduzo uma significação que depende de minha cultura, assim como do contexto de surgimento do signo. (JOLY, 1996, p. 32-33).

Semiótica é a ciência que estuda os fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação. Dessa forma, Artes Visuais, Música,

Textos Literários, Fotografias, Cinema, Culinária, vestuário, gestos etc. são compostos por signos. O filósofo-lógico-matemático, norte-americano, Charles Sander Peirce foi o cientista responsável pela delimitação desse campo, chamou o processo de significação e produção de significado de *semiose* (NÖTH, 1995, p.69) e observou que a evolução da semiótica enquanto ciência e área de conhecimento exigia, sobretudo, uma perspectiva teórica profunda do objeto de estudo dessa ciência. Nessa medida, baseando-se na atenta observação das relações lógicas intrínsecas ao processo de significação e representação, teorizou um conceito de signo que prioriza o processo dinâmico e evolutivo do significado.

Para Santaella (2005, p. 15), a semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significado e de sentido (SANTAELLA 2005, p.15).

A concepção de signo para Peirce é o do signo em geral, não importando de que espécie.

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representamen. (PEIRCE, 1995, p. 46).

É algo em que se correlacionam três outros elementos chamados de *representamen* (o corpo do signo, a palavra, por exemplo, é a materialização que se apresenta para significar algo, o mesmo vale para o logotipo, uma ação, uma metáfora visual, um som etc.), *objeto* (é aquele que traz consigo o signo. Palavras, sons, gestos ou pensamentos tentam traduzir uma realidade, sendo considerada enquanto objeto) e *interpretante* (é o signo mediador do pensamento, um terceiro, que permite relacionar o signo apresentado ao objeto que ele representa. Signo = *Representamen* + *Objeto* + *Interpretante*. Peirce define signo como:

Qualquer coisa de qualquer espécie, podendo estar no universo físico ou no mundo dos pensamentos, que - corporificando uma ideia de qualquer espécie (o que nos permite usar este termo para incluir propósitos e sentimentos) ou estando conectada com algum objeto existente ou ainda se referindo a eventos futuros através de uma regra geral - leva alguma outra coisa, chamada signo interpretante, a ser determinada por uma relação correspondente com a mesma ideia, coisa existente ou lei. (SANTAELLA, 2005, p. 39)

Esse signo refere-se ao objeto dessas três maneiras, ao mesmo tempo: por similaridade (ícone); por aproximação-contingência ou relação (índice); por convenção (símbolo). Essa relação triádica se instaura quando o signo, o objeto e o interpretante estão em relação. Nessa formação triádica temos que o representamen é o signo, o objeto traz consigo o signo e o interpretante é o que se permite relacionar entre o signo apresentado e o objeto que ele representa.

Em suas análises triádicas Peirce desenvolveu dez classes principais dos signos a partir da aplicação das três categorias de *primeiridade*⁴, *secundidade*⁵ e *terceiridade*⁶ na perspectiva do representamen, do objeto e do interpretante, chegando a nove categorias distribuídas pelas três tricotomias (NÖTH, 1995). Vejamos o Quadro 1.

Quadro 01: Análise triádica

TRICOTOMIAS	I	II	III
Categorias	Representamen	Relação ao objeto	Relação ao interpretante
Primeiridade	Quali-signo	Ícone	Rema
Secundidade	Sin-signo	Índice	Dicente
Terceiridade	Legi-signo	Símbolo	Argumento

Fonte: Nöth (1995, p.90).

Pode-se observar, através das definições de Peirce, que a atividade do signo é caracterizada como eminentemente evolutiva e que sua definição de signo conduz ao centro das discussões desenvolvidas em anos de trabalho.

Entendemos a partir dessa relação triádica que: *Ícone* é um tipo de signo que estabelece uma relação de semelhança. Pode ser uma imagem, um cheiro, um som, uma textura ou qualquer coisa que estabeleça uma relação de semelhança qualitativa com aquilo que se refere. *Índice* é uma característica do signo, baseada em uma relação de proximidade com o objeto representado, um indício da existência do signo. *Símbolo*, os signos se comportam como símbolos quando passam a representar algo por uma convenção ou lei. Um pacto simbólico que faz algo representar outra coisa.

Quanto às categorias de leitura semiótica temos que *primeiridade (quali)* é o sentido, a qualidade da consciência imediata é uma impressão – sentimento –, aspectos puramente qualitativos e pré-reflexivos: cor, forma, volume, textura, som etc. A *secundidade (sin)*, aponta um fato singular, um acontecimento, algo ocorrido que entra em relação com o outro, inserido no tempo e no espaço; é a existência factual, manifestam o ser: ação e reação, causa e efeito, impacto. A *terceiridade (legi)* é a lei, potencial, previsão, conexão entre qualidade e fato.

A *primeiridade* está relacionada com o sentimento, “um sentir meramente passivo que não atua e não julga” (PEIRCE, 1995, p. 14), a consciência de um instante no tempo, “consciência passiva da qualidade, sem reconhecimento ou análise.” (PEIRCE, 1995, p. 14). Na *primeiridade* não existe a análise do fenômeno, pois a

análise implica a interação da mente com relação a algum entendimento das partes do fenômeno, essa situação traria a presença da secundidade e até da terceiridade. Assim, na primeiridade, dá-se apenas a sensação imediata e espontânea.

A secundidade, segundo Peirce (1995, p. 14), compreende um “sentido de resistência [da consciência], de um fato externo ou outra coisa”. Para Nöth (1995, p. 64), a secundidade é a categoria da comparação, da “realidade e da experiência no tempo e no espaço”. Para Peirce (1983, p. 90),

a “segunda categoria – o traço seguinte comum a tudo que é presente à consciência – é o elemento de ‘conflito’”. O conflito é entendido aqui como uma ação mútua entre duas coisas, sem mediação; assim, o reconhecimento da realidade é presença da secundidade na medida em que “a realidade é aquilo que insiste, nos força a reconhecer um outro diferente do espírito” (PEIRCE, 1983, p. 90, *apud* BARROS, 2017, p. 32 – grifos do autor).

A terceiridade é a “consciência sintética, reunindo tempo, sentido de aprendizado, pensamento” (PEIRCE, 1995, p. 14). Na categoria da terceiridade, por meio do pensamento, representamos e reconhecemos o mundo. Assim, acontece a relação de um fenômeno segundo, relativo a secundidade, a um fenômeno terceiro que ocorre na camada da inteligibilidade, no pensamento em signos (SANTAELLA, 2009 *apud* BARROS, 2017, p.33).

Essas três categorias triádicas, apesar dos nomes sugerirem, não apresentam nenhuma rigidez no seu processo de apresentação. Para melhor compreensão, pode-se entender que a primeiridade é o sentimento não analisado, a secundidade é o registro do sentimento e a terceiridade é a conexão entre os dois, é a previsão de algo (SANTAELLA, 2005)

É possível compreender, a partir dos pressupostos de Peirce, apresentados anteriormente, que signo pode ser entendido como a descrição das experiências do homem em todos os momentos de suas vidas, como tudo aquilo que pode ser percebido pelo homem, seja real ou não e que afetam as pessoas de maneiras diferentes, de acordo com seu universo de conhecimentos adquiridos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme os procedimentos adotados, este estudo apresenta um caráter descritivo-qualitativo, cujo foco é o discurso, enunciado ou não, das personagens como elemento fundamental na construção das situações conflituosas, procurando identificar e explicar os fatores que influenciam ou determinam a ocorrência dos fenômenos que justificam a epifania. Partindo da leitura do conto *Os laços de família*, fez-se necessário identificar as ocorrências de reiteração, diferenciando-a da

simples repetição de termos, para em seguida analisá-las, buscando justificar o momento de fluxo de consciência que leva à epifania, através da leitura dos signos na perspectiva peirciana.

Do conto foram examinadas, em especial, as situações conflituosas vivenciadas pelas personagens e a ausência de definição para os embates vividos, o contraste entre comportamento e imaginação. Tais conflitos foram também observados em relação aos fortes apelos do meio conturbado em que as situações são construídas, onde espaço e momento exacerbam sentimentos diferenciados entre o dito e o sufocado. A partir disso, no momento de investigação, interpretação e análise do conto e, também, ao longo do desenvolvimento do trabalho, buscamos estabelecer uma conexão entre o desconforto provocado pelas repetições dos enunciados com a epifania, à luz da compreensão que o signo possibilita.

3 ANÁLISE DO CONTO

Clarice Lispector se destacou pela subjetividade presente em sua obra. É uma autora polêmica e complexa, que escreve sobre questões inquietantes da natureza humana e a dimensão que estas alcançam na sociedade. Ao falar de realidades sufocadas, camufladas e mesmo proibidas das personagens, mostra um lado ocultado pelas convencionalidades da vida cotidiana.

Sua obra costuma ter uma temática voltada para questões existenciais e para a história da mulher na sociedade, apresentando também uma característica que se sobressai que é a epifania. Essa característica presente em seus contos e romances é um evento - geralmente um corriqueiro, banal, e bastante cotidiano - da personagem que, de repente, altera seu estado emocional, levando-a a uma confusão, a uma desestabilização interior. Daí o leitor é convidado a assistir a um turbilhão de pensamentos e agitações - o clímax da história - em que o personagem revê sua forma de ver a vida (dentro da situação em que se encontra) para a partir daí recomeçar. O personagem retorna ao seu equilíbrio emocional com uma nova visão, um aprendizado extraído do seu momento de confusão.

Percebe-se nos seus escritos o uso da técnica do fluxo da consciência, ao discorrer sobre questões intimistas e universais, sem se apoiar em padrões narrativos, sendo a partir desse recurso que se pode observar o efeito da epifania.

Nos textos da escritora há, com frequência, um movimento de afastamento do lugar-comum, dos clichês e estereótipos naturalizados nos papéis sociais, alojados nas falas de personagens e narradores, no próprio discurso literário. Tal afastamento do lugar-comum por vezes, assume tons de rompimento com o trivial banalizado, fazendo o leitor iniciante sentir-se desconfortável e buscar razões para continuar ou abandonar a leitura.

Nessa perspectiva, a escrita de Clarice aponta como um exemplo da construção de um estilo singular, a sugerir uma possível educação mais criativa e com mais respeito

à singularidade de cada um, para que o ato de leitura/escrita seja compreendido como meio de comunicação e de transmissão não de saberes absolutos, mas de saberes que se tecem a partir da história pessoal de cada leitor/escritor.

O conto *Os laços de família* narra alguns acontecimentos na vida de Catarina, que a leva a atitudes que mudam seu conceito de felicidade trazendo-a a uma nova realidade, desamarrando os laços do passado, quebrando os paradigmas de sua vida doméstica e corriqueira, típica dona de casa e mãe, escapando das amarras do destino. Demonstra como são fortes os laços que unem mãe, filha, esposo e filho.

O enredo aparece condicionado a uma crise, um choque, ou algo que subitamente surpreende a personagem, levando, a partir disso, ao desenvolvimento final do conto. Existe a insistência da dualidade na personagem Catarina, como se uma agisse e a outra reagisse, interiormente, o que nos remete à secundidade de Peirce quando nos diz que a realidade é aquilo que insiste, nos força a reconhecer um outro diferente do espírito, e nela a Secundidade é predominante (recorde-se que antes que a palavra francesa *second* fosse introduzida no inglês, *other* era apenas o ordinal numeral correspondente a dois) (PEIRCE, 1974, p. 96, *apud* GAMBARATO, 2002, p. 25).

Aparentemente bem casada, com um filho e uma condição financeira razoável, Catarina demonstra-se, de início, plena e feliz, por mais artificial que se apresente esta felicidade, ela estava em sua zona de conforto. O que havia antes dessa família havia sido abandonado por Catarina. Porém, esse simulacro familiar protetor começa a demonstrar sinais de quebra após uma estadia de sua mãe em seu apartamento, o convívio com o passado e o presente passa a gerar as reflexões, a desfazer os laços que une a família.

Durante o trajeto até a Estação de trem, onde sua mãe iria embarcar, isso começa a ficar evidente, pois, percebe-se que entre as duas existem muitas arestas do passado e que muito ficou por ser dito. As palavras, ações e discussões foram sufocadas ao longo de suas vidas - sugestionado a partir da reiteração -, e que agora começam a demonstrar sinais de que possam ter marcado, para sempre, suas relações e seus destinos. Esses recursos são signos indiciais que, neste caso, evocam os problemas existenciais entre as personagens: mãe e filha, a filha e seu esposo, entre avó e neto.

Em um primeiro momento do conto, mãe e filha vivem um clima de tensão na ida à estação, determinado por, principalmente, três elementos: o incômodo entre Severina (mãe de Catarina) e Antônio (marido de Catarina) antes da partida, apaziguado na despedida; o incômodo de Severina em relação à magreza e nervosismo do filho do casal (o menino não possui nome no conto, sendo tratado sempre por *menino*); e a sensação que tem, Severina e Catarina, de que esqueceram alguma coisa. Vejamos:

A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi que as levariam à Estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro, e a filha,

com seus olhos escuros, a que um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza – assistia. - *Não esqueci de nada?* Perguntava pela terceira vez a mãe.

- *Não, não, não esqueceu de nada*, respondia a filha divertida, com paciência. (LISPECTOR, 1998, p.94 – grifos nossos)

- *Não esqueci de nada...*, recomeçou a mãe quando uma freada súbita do carro lançou-a uma contra a outra ...” (LISPECTOR, 1998, p.96 – grifos nossos).

A reiteração sugere a existência de conflitos, tensão, segredos familiares velados. Palavras não ditas e que precisariam, de alguma forma, serem trabalhadas. A insistência da ausência de algo leva a percepção que a relação entre mãe e filha pode estar marcada pela ausência, algo que era preciso ser dito e que nem uma nem outra tiveram coragem, esqueceram-se.

Talvez esses fossem assuntos proibidos, um segredo de família, um não-dito. Talvez daí nascesse parte da tensão entre mãe e filha e seu medo de ter esquecido alguma coisa: haveria algo que devesse, ao contrário, ser de fato esquecido? “Também a Catarina parecia que haviam esquecido de alguma coisa, e ambas se olhavam atônitas - porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais. [...] Que coisa tinham esquecido de dizer uma à outra?” (LISPECTOR, 1998, p. 97). Entendemos, nesse momento, que a linguagem se estabelece pela relação complementar entre o conjunto de signos percebidos, expressos, e o conjunto dos signos associados às sensações, sentimentos, percepções e ideias.

Durante os solavancos do taxi e uma freada brusca, as duas, mãe e filha, lançam-se uma contra a outra e nesse momento percebemos o signo do desconforto da relação entre elas. Essa freada brusca do táxi provoca um momento de epifania, causando uma ruptura em toda aquela formalidade existente entre os laços de família e na rotina superficial que os comportamentos exigiam, fazendo com que Catarina e Severina se reconhecessem, finalmente, como mãe e filha. Esse momento, e os seguintes, envolvem as personagens no que definimos como *epifania*, pois Catarina, desatando os laços que a prende à relação com a mãe, passa a tirar o véu que encobre o passado fazendo uma viagem de regresso por meio do fluxo da consciência:

Catarina foi lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado e beijado. Do pai, sim. Catarina sempre fora mais amiga. Quando a mãe enchia-lhes os pratos obrigando-os a comer demais, os dois se olhavam piscando em cumplicidade e a mãe nem notava. Mas depois do choque no táxi e depois de se ajeitarem, não tinham o que falar- por que não

chegavam logo à Estação? – *Não esqueci de nada*, perguntou a mãe com voz resignada. (LISPECTOR, 1998, p. 96 – grifos nossos)

Algo nos sugere, nessa passagem, que também as manifestações de amor foram veladas nessa família, como se o afeto existisse somente como um afeto calado, mudo, sem voz, algo sempre esquecido, um mito familiar, conjunto de crenças inconscientes e fantasmáticas nascido na família a partir do casal, sendo transmitido através de gerações por meio das diversas formas de linguagem. Um segredo familiar pode ser uma das origens dos mitos familiares, um pacto inconsciente do grupo, que concorda em ocultar, velar, calar a respeito de um fato real com medo de ameaçar a estabilidade psíquica do grupo.

Nesse conto, podemos entender que o amor parece manifestar-se basicamente através de preocupações, como no diálogo no momento da partida do trem, onde a filha, pensando em dizer à mãe: “eu sou sua filha”, acaba por recomendar-lhe que não pegue corrente de ar, como se essa fosse a única forma de dizer-lhe sobre seu amor, um amor cheio de arestas, truncado, pesado, velado, conforme retratado nesta passagem: “Ninguém mais pode te amar senão eu, pensou a mulher rindo pelos olhos; e o peso da responsabilidade deu-lhe à boca um gosto de sangue. Como se “mãe e filha” fossem vida e repugnância. Não, não se podia dizer que amava sua mãe. Sua mãe lhe doía, era isso.” (LISPECTOR, 1998, p. 97– grifos nossos).

A preocupação como via de expressão de amor, também se apresenta nas frequentes observações da mãe de Catarina em relação ao neto – magro e nervoso -, mostrando-nos como determinados referenciais regem o grupo, regulando suas representações e demonstração de afetos. As afirmações constantes de Severina, com relação ao neto, de que o menino era magro e nervoso; de Catarina de que o menino falava desconexamente, comunicava-se pouco, era frio, exato e distante, nos leva a crer tratar-se de uma herança, do desejo familiar, de banir emoções e sentimentos.

Continuo a dizer que o menino está magro, disse a mãe resistindo aos solavancos do carro. E apesar de Antônio não estar presente, ela usava o mesmo tom de desafio e acusação que empregava diante dele... – Catarina olhava-os e ria. – O menino sempre foi magro, mamãe, respondeu-lhe[...].

– **Magro e nervoso**, acrescentou a senhora com decisão.

–**Magro e nervoso**, assentiu Catarina paciente. (LISPECTOR, 1998, p. 95 – grifos nossos)

Catarina empurrando a porta do quarto de seu filho. Ah, sim, lá estava o menino, pensou com alívio. Seu filho. Magro e nervoso. Desde que se pusera de pé caminhara firme; mas quase aos quatro

anos falava como se desconhecesse verbos: constatava as coisas com frieza, não as ligando entre si... exato e distante. [...] mas o menino olhava indiferente para o ar. (LISPECTOR, 1998, p. 99).

Pode-se deduzir que Catarina, de fato, carrega a herança psicológica de sua família: em sua casa as manifestações entusiásticas de afeto são banidas, assim como para ela é também difícil mostrar-se afetuosa.

A filha, com seus olhos escuros, a que um ligeiro estrabismo dava contínuo brilho de zombaria e frieza. [...]. Foi então que a vontade de rir tornou-se mais forte. Felizmente nunca precisava rir de fato quando tinha vontade de rir: seus olhos tomavam uma expressão esperta e contida, tornavam-se mais estrábicos - e o riso saía pelos olhos.

[...]

Não podia rir, mas seus olhos estrábicos o faziam: *sempre doía um pouco ser capaz de rir. Mas nada podia fazer contra: desde pequena rira pelos olhos, desde sempre fora estrábica.* (LISPECTOR, 1998, p. 95 – grifos nossos).

Seu marido e ela viviam em uma harmonia morna, defendendo-se do que tentavam encobrir, como expressam estas duas passagens: “talvez de tudo isso tivessem nascido suas relações pacíficas, e aquelas conversas em voz tranquila que faziam a atmosfera do lar para a Criança” (LISPECTOR, 1998, p. 102); “Viviam tão tranquilos que, se se aproximava um momento de alegria, eles se olhavam rapidamente, quase irônicos, e os olhos de ambos diziam: não vamos gastá-lo, não vamos ridiculamente usá-lo” (LISPECTOR, 1998, p. 102).

No entanto, assim como a preocupação do esquecimento retorna e perturba, a relação mãe e filha, assim como o riso inevitavelmente retorna em seu estrabismo, também na casa de Catarina há algo que corporifica e denuncia aquilo que foi deixado de lado: o filho, como um sintoma psíquico que denuncia algo. É ele que os lembra daquilo que deixaram de fora de suas vidas, daquilo que sempre foi não-usual e até proibido; a vibração, o afeto, o amor expresso. Interessante notar que o menino não tem nome no conto, como se de fato nele habitasse algo que sempre foi inominável para essa família, inconsciente e recalcado. Pode-se interpretar essa ausência do seu nome como um ícone que evoca o problema.

Podemos dizer que no conto *Os Laços de Família*, o objetivo maior é o momento da epifania: por meio de uma espécie de revelação - o que se dá por meio de um fato inusitado -, a personagem se redescobre no mundo em que vive, causando um desequilíbrio interior que, por sua vez, provocará uma mudança radical na vida da personagem.

No meio da fumaça Catarina começou a caminhar de volta, as sobancelhas franzidas, e nos olhos a malícia dos estrábicos. Sem a companhia da mãe, recuperara o modo firme de caminhar: sozinha era mais fácil. Alguns homens a olhavam, ela era doce, um pouco pesada de corpo. Caminhava serena, moderna nos trajes, os cabelos curtos pintados de caju. E de tal modo haviam-se disposto as coisas que o amor doloroso lhe pareceu a felicidade – tudo estava tão vivo ao redor, a rua suja, os velhos bondes, cascas de laranja - a força fluía e refluí no seu coração com pesada riqueza. Estava muito bonita neste momento, tão elegante; integrada na sua época e na cidade onde nascera como se estivesse escolhido. Nos olhos vesgos qualquer pessoa adivinharia o gosto que essa mulher tinha pelas coisas do mundo. Espiava as pessoas com insistência, procurando fixar naquelas figuras mutáveis seu prazer ainda úmido de lágrimas pela mãe. Desviou-se dos carros, conseguiu aproximar-se do ônibus burlando a fila, espiando com ironia; nada impediria que essa pequena mulher que andava rolando os quadris subisse mais um degrau misterioso nos seus dias”. (LISPECTOR, 1998, p.98-99).

A presença marcante da reiteração no conto desmistifica a ideia que são as metáforas, defendidas por vários pesquisadores e críticos como a marca dos contos claricianos, que marcam a obra da autora e valida que a reiteração é tão importante quanto. As repetições continuam em toda a narrativa chegando ao clímax final, quando a personagem retorna ao apartamento e encontra o filho, magro e nervoso.

Ao retornar da Estação, Catarina dirige-se ao quarto para ver o filho e ali, demonstra seu carinho e amor de forma bastante distorcida e indireta, como é regra inconsciente em sua família. Seu olhar terno, aliviado e amoroso para com o menino, termina em um movimento brusco de censura: “A mulher [Catarina] sentia um calor bom e gostaria de prender o menino para sempre a este momento; puxou-lhe a toalha das mãos em censura: este menino!” (LISPECTOR, 1998, p. 99). Em um dos momentos tensos do texto, o menino chama-a de mamãe, sem pedir nada, gratuitamente, e ela sente esse momento como um momento divino, inexplicável, inédito, simbólico, onde se manifestava uma emoção, artifício largamente utilizado por James Joyce, Proust e, sobretudo, Virgínia Woolf, o fluxo da consciência.

Tal aspecto consiste em explorar a temática psicológica de modo tão profundo que o assunto nunca é completamente explorado. O fluxo da consciência indefine as fronteiras entre a voz do narrador e a das personagens, de modo que, reminiscências, desejos, falas e ações se misturam. Assim, o pensamento simplesmente flui livremente, pois as personagens não pensam de maneira ordenada, mas sim, de maneira conturbada e desconexa. Portanto, é a espontaneidade da representação do pensamento das personagens que caracteriza o caos de tal marca literária.

A mãe sacudiu a toalha no ar e impedia com sua forma a visão do quarto: mamãe, disse o menino. Catarina voltou-se rápida. Era a

primeira vez que ele dizia “mamãe” nesse tom e sem pedir nada. Fora mais que uma constatação: mamãe! A mulher continuou a sacudir a toalha com violência e perguntou-se a quem poderia contar o que sucedera, mas não encontrou ninguém que entendesse o que ela não pudesse explicar. [...] Talvez pudesse contar, se mudasse a forma. Contaria que o filho dissera: mamãe, quem é deus. Talvez. Só em símbolos a verdade caberia, só em símbolos é que a receberiam. [...] Feia, disse então o menino examinando-a. - vamos passear! Respondeu corando e pegando-o pela mão.” (LISPECTOR, 1998, p. 99-100)

Nesse mesmo momento, quebra-se uma barreira de silêncio sentimental, Catarina é lembrada dos sentimentos que a habitam, como em um desafio à lei familiar: “[...] com os olhos sorrindo de sua mentira necessária, e sobretudo da própria tolice, fugindo de Severina, a mulher inesperadamente riu de fato para o menino, não sô com os olhos: o corpo todo riu quebrado, quebrado um invólucro, e uma aspereza aparecendo como uma rouquidão” (LISPECTOR, 1998, p. 100). Mas o oposto é reforçado, como acontece nas contradições, e então o menino chama-a feia, acordando-a de seu momento simbólico de liberdade.

Catarina já não é a mesma que há algumas horas, pois saíra para levar a mãe à estação e muito aconteceu. Longe disso, essa nova mulher começa a tomar nova consciência de sua existência e, sem palavras, nem discussões, resolve sair com o filho para um passeio, quebrando com isso os paradigmas domésticos e a rotina que a acompanhara. O esposo, sem entender os fatos, assusta-se, como se pressentisse o momento de liberdade que a mulher vivera: “quem sabe se sua mulher estava fugindo com o filho da sala de luz bem regulada, dos móveis bem escolhidos, das cortinas e dos quadros? Fora isso o que ele lhe dera. (Apartamento de engenheiro)” (LISPECTOR, 1998, p. 101).

Talvez soubesse que ela havia ultrapassado uma barreira familiar, que havia se sentido intensamente amada pelo filho, que ele - o filho - havia dito claramente que a amava e que os dois, mãe e filho, pudessem viver além do silêncio, que se expressassem de fato, que se amassem claramente, que sua mulher transmitisse essa liberdade ao filho: “via preocupado que sua mulher guiava a criança e temia que neste momento em que ambos estavam fora de seu alcance ela transmitisse a seu filho... mas o quê?” (LISPECTOR, 1998, p. 102).

Provavelmente, a liberdade de amar, de sentir, de dizer, algo que inconscientemente tentaram banir do grupo familiar, repetindo seus antepassados a observar, da janela do apartamento, a esposa e o filho caminhando sem destino pela rua, o próprio, passa a indagar os últimos acontecimentos, vivenciando seu próprio fluxo de consciência. E assim o conto termina, deixando-nos questões e interrogações a respeito do futuro dos personagens, tamanha a intensidade de vida que os compõem. Seria Catarina a mesma mulher depois dessa experiência?

A reiteração se faz presente de forma clara, induzindo o leitor a uma busca por entendimento, que só é possível através da leitura dos signos explicitados ou

especulados no texto. O presente, o passado, e o futuro, passam a tomar forma e novas narrativas são especuladas pelo leitor, que também vive seu momento de epifania, que tenta desvelar ou imaginar os mistérios dos laços que uniram essa família e com isso começa uma nova viagem rumo ao desconhecido, mas provável e lógico que envolve as personagens.

Ao contemplar a leitura do conto, o leitor se depara com fenômenos, por meio dos quais ele tem a consciência do real, o que realmente está sendo narrado e do que ainda não é existência real, mas que poderá tornar-se - catáfora -, através da reiteração. Essa antecipação do ocorrido, ou o que poderia ocorrer, só é possível se na mente do receptor; já existem previamente imagens mentais ou conceitos capazes de antecipar essas e outras possibilidades criando novos enredos.

O interpretante dependerá do objeto perceptível, que segundo Peirce traz para a mente algo de fora, exterior, que se correspondem e se aproximam criando novas possibilidades de signos. Pode-se defender tal fenômeno, no conto, no momento em que a personagem vive sua epifania, através do fluxo da consciência, criando novos rumos para o enredo e/ou quando o leitor é acometido do seu momento epifânico e cria novas possibilidades, novos signos.

É fato que a autora sempre demonstrou, em suas obras, intimidade com o existencialismo e que suas personagens são marcadas de forma existencial e humana, com seus medos, angustias, dualidades e conflitos interiores. É o fluxo da consciência, uma experiência mais profunda do que a *introspecção psicológica*⁷, uma vez que aquela quebra os limites, espaço temporais, misturando presente, passado e realidade, tornando a obra verossímil, sem preocupação com a lógica ou com a ordem narrativa. As personagens demonstram a fragilidade das suas escolhas através da ansiedade, angustia ou náuseas, evidenciadas pela reiteração.

É possível perceber, por meio dessa concepção de signo, que as reiterações marcam e definem o estado emocional, psicológico, das personagens e que os mesmos estão ali de forma proposital, evocando um súbito entendimento ou compreensão de algo; trazendo para o consciente o que ainda não estava nele, revelando o que antes estava escondido. Seria o momento em que o leitor se comunica com o texto e as relações entre signos, objetos e interpretantes se instauram.

Todas as ações, se é que se pode definir assim, apresentam-se como forma de ilustrar as características psicológicas das personagens e de criar um certo desconforto no leitor que passa ao questionamento e em seguida uma percepção/compreensão do que até então parecia confuso, uma vez que, faz parte do estilo da autora não definir ações nem tão pouco os personagens em seus contos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Os laços de família* retrata a consciência de pessoas que por alguns instantes fogem do aprisionamento cotidiano, gerado por formas de vidas

convencionais e estereotipadas que vão se repetindo de geração para geração, levando-as a seguir tradições e normas pré-estabelecidas. É preciso uma leitura crítica e um olhar atento para não se deixar enganar pelas aparências nem tão pouco desistir da leitura por falta de uma compreensão momentânea. Esse olhar atento nos instiga a perceber o recurso da reiteração e interpretá-lo como signos, levando-nos a participar do momento do nascimento de uma nova personagem e de novos signos.

Essa interpretação está em consonância com a concepção de signo segundo Peirce de que tudo o que é apreendido pela mente, é apreendido com o caráter de signo, sendo possível interpretar o próprio pensamento constituído numa corrente de signos. Dessa forma, é importante que se perceba que a noção de signo de Peirce é a base de entendimento da epifania como momento único e de entendimento de qualquer fenômeno da linguagem.

Não pretendemos esgotar a leitura desse conto, nem mesmo acreditamos que isso seja possível, e sim fornecer algumas formas de olhar que retratem um modo semiótico de entender os vínculos familiares presentes no enredo, marcados pelo uso da reiteração como um signo icônico que evoca os conflitos internos da família.

Notas

1 *Reiteração* – repetição de uma ideia, quer por meio de um sinônimo ou expressão sinônima, quer por meio de uma palavra cujo significado esteja de alguma forma associado ao significado da primeira palavra ou expressão. Não confundir reiteração, uma figura de grande valor estilístico, com iteração, a simples repetição/cópia de palavras ou sua repetição por meio de um pronome) geralmente sem valor estilístico (GARCIA, Afrânio, s/d, s/p).

2 *Epifania* – No sentido filosófico, o termo “epifania” significa uma sensação profunda de realização no sentido de compreender a essência das coisas. Na literatura é uma forma de mostrar em conceito, algo que o escritor quer que o leitor veja e compreenda. É tornar legível aquilo que só o outro compreende (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 608).

3 *Fluxo de consciência* – é uma técnica literária em que os limites espaço-temporais são quebrados. Por meio dele, presente e passado, realidade e desejo se misturam. O fluxo de consciência cruza vários planos narrativos, sem preocupação com a lógica ou com a ordem narrativa. O termo foi cunhado pelo filósofo e psicólogo [William James](#), em 1892 para uso em Psicologia (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 607).

4 A ideia de Primeiro predomina nas ideias de novidade, vida, liberdade. Livre é o que não tem outro atrás de si determinando suas ações, mas assim aparece a ideia de outro, pela negação da alteridade; ela está presente para que se possa falar que a Primeiridade é predominante. A Liberdade só se manifesta na multiplicidade e na variedade incontrolada; e assim o Primeiro torna-se predominante nas ideias de variedade sem medida e multiplicidade. (PEIRCE, 1983, p. 90)

5 A ideia de segundo predomina nas ideias do causar e da força estática. Causa e efeito são dois; e as forças estáticas ocorrem sempre entre pares. Coação é uma Segundidade. No fluxo temporal da consciência o passado aparece agindo diretamente no futuro, efeito chamado

memória; enquanto o futuro atua sobre o passado somente através de um terceiro. (PEIRCE, 1983, p. 90).

6 É a interpretação do fenômeno, é o terceiro dos 3 elementos que constituem as categorias universais do pensamento e da natureza. É quando um objeto passa a representar alguma coisa, signo. (SANTAELLA, 1983, p.11)

7 Procura desvendar o universo mental da personagem de forma linear, dando ao leitor pleno domínio da situação e distinguindo com facilidade momentos do passado, do presente e momentos de imaginação.

Referências

BARROS, Camila Monteiro de. **Informação musical: análise semiótica da experiência de não especialistas em música e as implicações teóricas na Organização do Conhecimento**. 283 f. (Tese de Doutorado) Pós-Graduação em Ciência da Informação - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis-SC, 2017. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/347068368/Informacao-Musical-Analise-Semiotica-Da-Experiencia-de-Nao-Especialistas-Em-Musica-Camila-Monteiro-de-Barros>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**, Volume único, 4 ed. São Paulo: Atual, 2013.

GAMBARATO, Renira Rampazzo. **O Desenho do Processo: Comunicação e Semiótica em Design**. 209 f. (Dissertação de Mestrado) Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://talkingobjects.files.wordpress.com/2011/06/dissertrenirameu.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

GARCIA, Afrânio. **Figuras de Linguagem e Ensino**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiisenefil/03.html>>. Acesso em: 12/08/17

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Os Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACHADO, Sônia Maria. **O Fluxo da Consciência e o Tempo em A Maçã no Escuro**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 1981.

MOISÉS, Maussaud. **Dicionário de Termos Literários**. 12 ed. rev. ampl. São Paulo, Cultrix, 2004.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica: De Platão a Peirce**. 1ª ed., São Paulo: Annablume, 1995.

PEIRCE, Charles Sander. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo, Ed. Cultrix, 1975.

PEIRCE, Charles Sanders. **A Manifestação da Primeiridade**. In: **Fenomenologia**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica?**. Coleção Primeiros Passos, Ed. Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise Estrutural de Romances Brasileiros**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

Para citar este artigo

LAVOR, Cassio Murílio Alves de; VIEIRA, Teresinha Penaforte; VIANA, Rakel Beserra de Macedo. A reiteração como fator de compreensão da epifania em “Os Laços de Família”: um estudo sob a perspectiva da semiótica peirciana. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p 208-226.

Os Autores

Cassio Murílio Alves de Lavor é . mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará - UECE e graduação em LETRAS LICENCIATURA pela mesma universidade (2014). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística.

Teresinha Penaforte Vieira é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada - PosLA da Universidade Estadual do Ceará. Possui Mestrado no mesmo programa e Licenciatura em Letras - Inglês também pela Universidade Estadual do Ceará e Licenciatura em Ciências pela Universidade Federal da Paraíba.

Rakel Beserra de Macedo Viana é mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (início 2017), Graduada em Letras Português/Inglês pela mesma instituição, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - UECE/FAFIDAM (2007). Especialista em Gestão Educacional (2009) e em Ensino de Língua Inglesa (2012). Tem experiência no Ensino Básico com desenvolvimento de Projetos de Leitura e Escrita e no Ensino Superior em Educação à Distância.